

PARECER

O parecer em questão avalia o trabalho de monografia apresentado pela Prof^a Izabel Cristina de Araújo Cordeiro, como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Recreação e Lazer realizado pela Faculdade de Educação Física-UNICAMP nos anos de 1991-1992.

A monografia tem por título "Bota a mandinga ã... a esportivização da Capoeira em questão" e foi estruturada da seguinte forma : uma introdução, na qual a autora busca situar o leitor na problemática a ser estudada a partir de uma abordagem histórica, alinhavando as idéias com a leveza própria das "rodas" e a força dos "cantos".

Um primeiro capítulo onde aborda a gênese da Capoeira enquanto forma de resistência, seu desenvolvimento e sua proibição pelo poder constituído. Um segundo capítulo onde o problema da proibição da Capoeira se transforma, e de prática proibida, passa a prática institucionalizada, portanto, adequada pelo e para o Estado a partir de códigos e significados aceitos pelo mundo urbano. O terceiro e último capítulo traz, com maior objetividade, a temática central da pesquisa que é a esportivização da Capoeira.

Nas considerações finais há uma retomada do trabalho em seu conjunto, e é evidenciada a importância e a necessidade de se refletir sobre o processo de domesticação da Capoeira que se dá, segundo a autora, também pela sua esportivização.

De um modo geral o trabalho em questão apresenta uma temática interessante e pouco pesquisada pela Educação Física: a Capoeira, sua esportivização, a ausência/abandono da mandinga.

O trabalho apresenta uma bibliografia rica e pertinente ao tema, trazendo informações precisas e preciosas para aqueles que pretendem pesquisar ou simplesmente, conhecer mais sobre a Capoeira no Brasil.

O trabalho foi avaliado como processo e como produto a partir dos seguintes eixos: a) quanto a organização dos capítulos; b) quanto a bibliografia utilizada; c) quanto a temática central proposta; d) considerações gerais sobre o trabalho.

- a) Quanto a organização dos capítulos, considero que há uma ordenação bastante objetiva e articulada que facilita a leitura do texto quer em sua totalidade, quer em suas partes separadamente. Os títulos poderiam ser mais criativos, mas estão perfeitamente adequados ao conteúdo dos capítulos.
- b) Quanto a bibliografia, a autora consultou periódicos especializados no tema ou não, livros, textos mimeografados, memória oral de mestres, bem como livros de referência.

Tratando-se de um estudo bibliográfico, a revisão efetuada está bastante adequada, carecendo, todavia, de um pouco mais de método no trato com as fontes referenciadas.

- c) Quanto a temática central do trabalho.

Todo o desenvolvimento do trabalho se dá em torno da temática central: ausência/abandono da mandinga e a esportivização como que tomando seu lugar. Há um caminho percorrido pela autora em seu trabalho que vai mostrando, passo a passo, o processo de domesticação da Capoeira e a sua esportivização como elemento determinante desta transformação/domesticação.

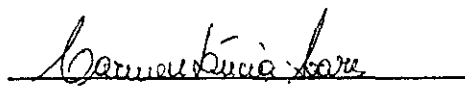
- d) Considerações gerais sobre o trabalho

O trabalho em seu conjunto traz uma boa compreensão da Capoeira e se constitui num acertado primeiro passo. Todavia, muitas das informações preciosas nele contidas acabam, por vezes, se perdendo na costura do texto e soando em tom artificial. Houve pouco cuidado com a redação final do texto e escrever um texto é reescrevê-lo muitas vezes. Esta falta de cuidado com a escritura prejudica a qualidade que o texto pode apresentar em termos de conteúdos e informações.

Há também conceitos que deveriam ter sido mais trabalhados ao longo do trabalho e que se mostram frágeis para o leitor atento.

Para concluir, e tendo acompanhado as 1^{as} frases deste trabalho, concedo o grau "A", considerando que dentro dos limites, este preenche os critérios para ser considerado um trabalho acadêmico. Dada a relevância da temática e a sua abordagem, permito-me sugerir a autora a continuidade deste estudo ao nível de mestrado.

Campinas, 30/7/92


CARMEN LÚCIA SOARES



3/15/91

IZABEL CRISTINA DE ARAÚJO CORDEIRO

**"BOTA A MANDINGA É... A ESPORTIVIZAÇÃO
DA CAPOEIRA EM QUESTÃO"**

**CAMPINAS - SP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
1992**

Monografia apresentada, como exigência parcial, para obtenção do título de especialista em recreação e lazer, da Faculdade de Educação Física, da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Professora Carmem Lúcia Soares.

Dedico este trabalho aos capoeiras
de ontem e de hoje que souberam fa-
zer valer a mandinga em suas vidas.

AGRADECIMENTOS

- Inicialmente à minha família querida, sem a qual não seria possível realizar este estudo.
- Aos companheiros do Grupo de Capoeira Chapéu de Couro que me inquietaram para pesquisar a Capoeira.
- Aos que se fizeram meus amigos em Olinda, Campinas e demais partes do Brasil e do mundo, porque me ensinaram a estar atenta aos sinais da vida.
- Aos amigos e mestres pela "força" neste primeiro estudo: Lúcia Francischetti, Celi Taffarel, Nelson Carvalho Marcellino, Heloísa Turini Brunks e especialmente Valter Bracht.
- À amiga Heloísa Helena Baldy dos Reis pela companhia e ajuda na digitação deste trabalho.
- Ao amigo Eduardo Viegas que se tornou bastante especial nos últimos tempos.
- E finalmente à Carmem Lúcia Soares, minha orientadora e amiga, que ousou viajar comigo nesta "história de mandinga" e me ensinou, como diz Caetano, que "...um porto alegre é melhor que um seguro, na rota das nossas viagens no escuro".

RESUMO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica e constitui-se numa primeira reflexão a respeito da esportivização da Capoeira, enquanto agente no processo de domesticação desta manifestação da cultura corporal de movimento. Numa abordagem histórica do tema, sistematizei informações sobre a gênese da Capoeira e sua historicidade, a fim de levar contribuições teóricas para os meios em que esta manifestação se faz presente hoje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: GÊNESE E PROIBIÇÃO DA CAPOEIRA.....	05
NOTAS DO CAPÍTULO I.....	14
CAPÍTULO II: INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA.....	18
NOTAS DO CAPÍTULO II.....	25
CAPÍTULO III: A ESPORTIVIZAÇÃO DA CAPOEIRA EM QUESTÃO.....	28
NOTAS DO CAPÍTULO III.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	38

INTRODUÇÃO

"Bota a mandinga é
Bota a mandinga
Bota a mandinga é, capoeira
Bota a mandinga..."

Após a ladainha, canto de entrada das rodas de Capoeira, que se assemelha a uma prece musicada, onde se conta uma história e se faz evocações pedindo proteção ao jogo que se inicia é a vez dos cantos em formas de chulas e corridos, que são "puxados" por um cantador e "respondido por um coro de vozes e palmas".

O berimbau com seus toques, acompanhado por uma orquestra de atabaque, pandeiro e agogô, determina o tipo ou "tom" do jogo, da conversa que se desenrola dentro da roda. A música é portanto, parte fundamental da Capoeira, com ela os seus praticantes têm a oportunidade de tematizar a realidade que os envolvem.

O canto descrito acima é um corrido, que geralmente é cantado nas rodas para chamar atenção dos capoeiras, quando estes esquecem a "brincadeira", a "manha", o "floreio", características da Capoeira em sua gênese e que vem se transformando ao longo dos anos em função de interesses externos a esta manifestação.

Escolhi para este trabalho o tema: "BOTA A MANDINGA É..." A esportivização da Capoeira em questão, por considerar esta discussão o ponto "chave" do processo atual de domesticação pelo qual vem passando esta manifestação cultural. Por isso este trabalho se propõe, assim como na roda, "fazer uma chamada", para

sem parar o jogo alertar da importância de se conhecer o ethos sob o qual a Capoeira era praticada em sua gênese, a fim de que esta manifestação não seja submetida a códigos que se contrapõem a esse ethos. Isto porque a Capoeira hoje, vem sendo utilizada tanto como conteúdo de aulas de Educação Física, Lazer, quanto como formação de atores, terapia, entre outros.

Para dar conta de sistematizar a temática escolhida como objeto desta pesquisa, optei por uma abordagem histórica, valendo-me de diferentes fontes, tais como: livros da literatura corrente, livros de referência, periódicos de circulação nacional, legislação referente à Capoeira, vídeos e letras de músicas apreendidas pela história oral com mestres e capoeiras em geral. Este estudo, portanto, assume as características de uma pesquisa bibliográfica e foi dividido em três capítulos acrescidos de considerações finais.

No Capítulo I abordo a gênese da Capoeira e o "espírito" que a permeava nos anos antes e após a abolição da escravidão, quando seus praticantes se deparam com o espaço da cidade e seus códigos disciplinares.

No Capítulo II discuto o processo de institucionalização da Capoeira, ressaltando as transformações ocorridas neste jogo/rito, favorecidas pelo cenário político cultural dos anos 30.

No Capítulo III, de forma sucinta, abordo a gênese do esporte moderno, seus códigos e significados e a influência que ele exerce sobre a Capoeira, na perspectiva de apreender os interesses a que correspondem.

Nas considerações finais procuro fazer uma ponte entre as questões desenvolvidas em cada capítulo e a tese que advogo neste estudo, que é discutir a esportivização da Capoeira, como agente no seu processo de domesticação. Com isso pretendo levar contribuições teóricas para os meios em que a Capoeira hoje se faz presente.

Na tentativa de afastar as possibilidades de tratar a Capoeira dentro de uma visão romântica, iluminista ou populista no dizer de CHAUÍ, utilizei autores que entendem esta manifestação inserida numa realidade cultural concreta, feita por homens e mulheres concretos.

"O meu bisavô me falou

Que no tempo da escravidão

Era dor, muita dor, muita dor

O negro sofria com o chicote do feitor

Dor, dor, dor

O negro sofre na senzala do senhor cantador

Dor, dor, dor

O negro é livre o berimbau

He libertou cantador..."

CAPÍTULO I: GÊNESE E PROIBIÇÃO DA CAPOEIRA

Muitas são as discussões sobre a gênese da Capoeira, se africana ou brasileira. Conforme os estudos de REGO:

" (...) tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio com os capoeiristas atuais e antigos que ainda vivem na Bahia, embora em sua maioria, não pratiquem mais a Capoeira, devido a idade avançada."1

Todavia, qualquer tentativa nessa direção (de estudar a gênese da Capoeira), esbarra inevitavelmente na quase total ausência de fontes. Não podemos esquecer do "serviço" prestado pelo então ministro da fazenda do governo Deodoro da Fonseca, o conselheiro Rui Barbosa, que mandou queimar toda documentação referente à escravidão no Brasil, alegando fazê-lo em honra à Pátria e em homenagem ao mais novo elemento da massa de cidadãos brasileiros: os ex-escravos. 2

Vivenciada pelos escravos em seus momentos de não trabalho, a Capoeira era um misto de jogo/luta/dança. Seus movimentos apreendidos a partir da imitação e reformulação dos movimentos dos animais, tinham um caráter surpreendente e inesperado. Funcionava para os escravos, como divertimento e forma mascarada de reviver suas crenças africanas proibidas até então pelos seus senhores. Por isso em algumas fazendas, os senhores de engenho e os feitores não permitiam a prática da Capoeira. Na opinião de CAPOEIRA, essa proibição se justificava pelos seguintes motivos:

- "- dava aos africanos um sentido de nacionalidade;
- dava aos capoeiristas, individualidade e auto confiança;

- formava pequenos grupos coesos;
- formava lutadores ágeis e perigosos;
- as vezes, no jogo os escravos se machucavam - o que era economicamente indesejável.³

Portanto, era também no jogo da Capoeira que os escravos expressavam suas formas de entender e de se relacionar com o mundo.

Resistindo ao cativeiro, os escravos, tentavam de alguma forma retomar uma identidade perdida com seu imposto afastamento da "terra mãe", a África. A Capoeira, aos poucos, vai se tornando um elemento importante nessa retomada da identidade dos escravos, que desprovidos de outros meios passam a utilizar seu corpo no processo de libertação do cativeiro.

No início do século XVII o Brasil passava por um período de grande prosperidade, devido a monocultura do açúcar, porém esse período foi interrompido com as guerras e mais tarde com as invasões holandesas.⁴

O período das investidas holandesas à colônia portuguesa (Brasil), duraram de 1624 até 1654; época que se estabeleceu um "clima" de confusão no cenário brasileiro afrouxando-se a disciplina "de ferro" da escravidão. O que favoreceu a fuga de inúmeros escravos, muitos dos quais utilizavam para isso a Capoeira.

Os escravos fugidos se agrupavam no mato e formavam Estados Negros conhecidos pelo nome de Quilombos. Na língua banto-angolense Kilombo significa habitação.⁵

Nos Quilombos se tentava reviver a organização social sobre a qual viviam os negros africanos antes de virem ao Brasil como escravos. Essa organização era centralizada e baseada na eletividade do chefe mais hábil e sagaz, de maior prestígio e vi-

tória na guerra.⁶

Os quilombolas, assim chamados os habitantes dos quilombos, sobreviveram inicialmente saqueando fazendas e mercearias para adquirirem seu sustento. Depois iniciaram um processo de plantio de uma lavoura de subsistência, além da fabricação de cestos, chapéus, abanos, potes e vasilhas. Eles também caçavam, pescavam e criavam galinhas.

Para defesa dos Estados Negros, os quilombolas usavam a Capoeira e emboscadas.

O mais conhecido dos Quilombos foi o de Palmares, situado na Serra da Barriga, entre os estados de Alagoas e Pernambuco. Palmares foi um reduto de resistência que derrotou sucessivamente inúmeras tentativas de extermínio. As investidas não cessavam e duraram, aproximadamente, setenta anos.

Em 1687, Domingos Jorge Velho, mestre de campo de um regimento oferece seus préstimos ao então governador geral Mathias da Cunha com o intuito de destruir Palmares, para isso ele exigiu como prêmio as terras conquistadas e os escravos que aprisionassem. Feito o acordo, a 03 de março de 1687, Domingos Jorge Velho juntamente com o Capitão-Mor de Igarapé, Bernardo Vieira de Melo inicia as investidas contra Palmares. Depois de uma resistência de dez anos as investidas extermina-se o Estado Negro de Palmares, exibindo-se em praça pública, a cabeça de seu último chefe Zumbi, que ao longo dos anos se tornou uma referência para os movimentos da cultura negra no Brasil.⁷

Apesar da derrota de Palmares as formas de luta e as fugas de escravos não cessaram⁸ que agora se refugiavam não só

nos matos, mas também em fazendas de senhores, influenciados pelas idéias abolicionistas e nas cidades. Com esses fatos a Capoeira se difunde largamente entre os escravos.

No início do século XIX nos cenários da cidade, especialmente na Corte (Rio de Janeiro), era possível notar a presença de capoeiras nas ruas e largos, principalmente nos momentos de festas populares de caráter religioso ou cívico. Nas festas, os capoeiras apropriavam-se do espaço público, aparecendo de repente carregando instrumentos musicais e armas, ali formavam uma roda e brincavam o tempo que queriam. Mostravam com isso uma autonomia sobre si mesmos⁸, resistindo corporalmente as formas de subjugação que o sistema escravocrata tentava lhes impor.

Essa resistência ficava evidente nos gestos do capoeira nas roupas que ele vestia e nas músicas que ele compunha e cantava. MORAES FILHO descreve o capoeira da Corte:

"Usa calças largas, paletó saco desabotoado, camisa de cor, gravata manta e anel corrediço, colete sem gola, botinas de bico estreito e revirado e chapéu de feltro. Seu andar é oscilante gingado; e na conversa com os companheiros e estranhos guarda distância como em posição de defesa."⁹

Com isso de forma bastante lúdica os capoeiras, habitantes das ruas, contestavam e invertiam os valores e normas constituídos, o que causava bastante desagrado a ordem social estabelecida pelo estado. Com seu jeito próprio de falar, de se vestir, de se locomover no espaço com um gingado especial e leve, afastando-se de companheiros e estranhos para se proteger, os capoeiras criavam entre si uma identidade de grupo. Esses grupos de capoeiras denominaram-se Maltas.

"Geralmente eram compostas de africanos que tinham como distintivos as cores e o modo de botar a carapuça, ou de mestiços (alfaiates e charuteiros) que se davam conhecer entre si pelos chapéus de palha ou de feltro, cujas abas reviravam, segundo convenção."¹⁰

Toda Malta tinha seu chefe que conseguia esse posto devido a sua enorme destreza, valentia e afoiteza. Para se integrar nas Maltas os capoeiras faziam juramento solene e geralmente escolhia para isso as torres das igrejas. ¹¹

As Maltas agiam quando um de seus integrantes ou pessoas "chegadas" sofriam algum desagrado. Como por exemplo quando algum escravo era transferido de uma fazenda por motivo de capoeiragem. ¹²

Nos finais do século XIX, quando os pensamentos republicanos se fizeram mais evidentes no Brasil, os políticos de então contratavam as Maltas para dispensarem os comícios de seus adversários. Com isso iniciaram as rivalidades entre as Maltas, que antes ficava vinculada apenas a uma disputa de valentia pelo "pedaço".

Com a imposição internacional do processo de industrialização advindo da Europa, principalmente da Inglaterra e com a constante luta dos escravos em seu cotidiano, o poder constituído, na figura da Princesa Isabel na tentativa de manter a ordem social estabelecida, que se encontrava ameaçada, assina a 13 de maio de 1888 a Lei Áurea, que acaba definitivamente com a escravidão no Brasil. Ou, pelo menos, esse tipo de escravidão vivida pelos negros até então.

"Dona Isabel que história é essa
De ter feito abolição
De ser princesa boazinha
Que libertou a escravidão

Estou cansado de conversa
Estou cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue
Que inundava esse país
Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz
A abolição se fez bem antes
E ainda por se fazer agora
Com a verdade da favela
Com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora
De acabar com essa maldade
De ensinar pra nossos filhos
O quanto custa a liberdade
Viva Zumbi nosso rei negro
Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo
A liberdade verdadeira
Que já reinava nos Quilombos
E já jogava Capoeira
Êh, Êh, viva Zumbi..." 13

Logo em seguida à abolição muitas festas ocorreram na cidade e os negros, movidos por um sentimento de gratidão a Princesa Isabel, formaram a Guarda Negra, organizada por José do Patrocínio. Essa guarda tinha o objetivo de resguardar pessoalmente a princesa e invadir e dispersar comícios de cunho republicano, para isso se utilizavam da Capoeira.

"A abolição lançou o restante da mão de obra escrava no mercado de trabalho livre e engrossou o contingente de subempregados e desempregados." 14

Na opinião de CARVALHO "essa população poderia ser comparada às classes perigosas de que se falava na primeira metade do século XIX" 15

Aproximadamente um ano depois da abolição, a 15 de novembro de 1889, um grupo de militares e políticos da capital, proclamam a República deixando muitos "bestializados", pois não havia povo neste ato. 16

"Eu diria mesmo que a monarquia caiu quando atingia seu ponto mais alto de popularidade entre essa gente em parte como consequência da abolição da escravidão."

vidão." 17

A República, novo regime de governo, abre as "portas" para a nova ordem mundial, o modo de produção capitalista, através da criação das primeiras fábricas no Brasil.

É a nova ordem capitalista, que vai impor um novo ethos, vai criar aqui na ex-colônia um ideário para formar um novo homem necessário a ordem fábril. Daí onde disciplina, ordem, asseio, respeito às normas e padronização de comportamentos, tidos como corretos, vão ser exigidos.

Nas fábricas esse novo ethos vai ser traduzido através das suas normas e regulamentos. No entanto, para se atingir com mais eficácia os objetivos desse novo ethos, a ordem capitalista precisava interferir também nas outras esferas da vida dos cidadãos, os momentos de não trabalho. Daí dispõe de alguns caminhos :

"...Fora da fábrica, a redefinição das relações familiares, através da promoção de um novo modelo de mulher, voltada para o lar, e de uma nova percepção cultural da criança procura difundir entre a classe operária os valores burgueses da honestidade, da laboriosidade, da vida regrada e dessexuada, do gosto pela privacidade, eliminando as práticas populares consideradas ameaçadoras para a estabilidade da ordem social." 18

Os capoeiras, ameaça visível a esses novos valores impostos pela nova ordem social, vão ser perseguidos de várias formas. Perseguições essas que estavam apoiadas em um discurso moralizante e higienizador promovido pelos intelectuais da época e que se traduziram em medidas punitivas por parte do poder judicial.

"...Em 1890, o decreto nº 847 tratou, especificamente, de vadios e capoeiras, com rígidas medidas punitivas,

sendo visados não só seus praticantes, mas, principalmente, os cabeças de grupos ou Maltas, cujas penas podiam ir de prisão celular de dois a seis meses ou, mesmo até, ao degredo a distante ilha de Fernando de Noronha." ¹⁹

O chefe de polícia do governo Deodoro, Sampaio Ferraz, cuidou pessoalmente dos capoeiras e imprimiu sérias punições a esse setor da população, (...) "vingava-se deste modo das ostilidades sofridas pelos propagandistas da República (...)" ²⁰ por parte dos integrantes da Guarda Negra.

Apesar do controle dos espaços públicos, os capoeiras continuavam se encontrando nos terrenos baldios, terreiros de Candomblé, quintais de casas e nas torres das igrejas. Em tempos de festas religiosas e enterros os capoeiras "enchiam" as torres das igrejas.

(...) "famosos sineiros que montados na cabeça dos sinos, acompanhavam toda a impulsão dos dobres, abençoando das alturas o povo que os admiravam, apinhados nas praças ou nas ruas." ²¹

Antigos mestres de Capoeira costumam dizer que foi nessa época de proibição da prática da Capoeira, que apareceu o toque de berimbau conhecido como CAVALARIA. Este toque funcionava como uma espécie de aviso aos capoeiras da aproximação de pessoas indesejadas. Na Bahia este aviso se reportava, principalmente, a aproximação do Esquadrão de Cavalaria que atuava contra os Candomblés e capoeiras. ²² Ao ser dado o toque de CAVALARIA a roda se dispersava imediatamente.

Em Recife o "passo", dança executada ao som do frevo, teve origem nesses movimentos em que era necessário o disfarce da Capoeira. Até hoje, esta manifestação da cultura corporal pernambucana preserva elementos advindos da Capoeira.

Nesse tempo podemos perceber que a resistência dos capoeiras às normas de disciplinarização presentes nos códigos vi-

gentes da ordem estabelecida no Brasil depois da Proclamação da República, fizeram-se principalmente de forma corporal.

"O corpo dos capoeiras era acima de tudo, um dado da personalidade e através dele, aliado ao elemento lúdico, brincava-se e resistia-se as imposições do cotidiano." ²³

Para o poder constituído, o Estado, os capoeiras, estes frequentadores das ruas, sempre bem vestidos, sorridentes, de andar gingado, amantes da música e das festas deviam ser exterminados. Seu extermínio era parte de um processo, em curso, de desodorização dos espaços públicos, vez que esses deveriam abrigar os novos cidadãos: os trabalhadores "livres", ordeiros, disciplinados, cumpridores das leis e se possível brancos.

Inúmeras investidas de extermínio dos capoeiras foram feitas. Apesar disso, vivendo na marginalidade, os capoeiras continuavam resistindo chegando inclusive a participar ativamente de movimentos populares. ²⁴

Desde então, o Estado percebendo que não conseguia exterminar este setor indesejável da população, inicia um processo de apropriação da Capoeira, conteúdo que será tratado no próximo capítulo.

NOTAS DO CAPÍTULO I

1. REGO, Waldeir. **Capoeira Angola Ensaio Sócio Etnográfico.**
p.31
2. idem. ibidem. p.09
3. CAPOEIRA, Nestor. **Pequeno Manual do Jogador de Capoeira.**
p.14.
4. CARNEIRO, Edison. **Quilombo dos Palmares.** p. 47
5. BRANDÃO, Théo. **Quilombo.** p.3
6. CARNEIRO, Edison. op.cit. p. 48
7. FONTES, A. A. N. **Capoeira A Luta Brasileira.**p. 3
8. "Estudando o período Imperial, ele mostra que o país foi varrido por uma série de revoltas; a dos malês, por exemplo, ocorrida em Salvador no ano de 1835, foi essencialmente uma rebelião escrava e apesar de ter sido violentamente reprimida, mostrou que os negros tinham capacidade para se organizarem apesar da repressão. (SALVADORI, M. A. **Capoeiras e Malandros Pedacos de Uma Sonora Tradição Popular.** p. 112)
9. MORAES FILHO, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil.**
p.258.

10. idem. ibidem. p. 258
11. idem. ibidem. p. 259
12. idem. ibidem. p. 259
13. Ladainha cantada nas rodas de Capoeira
14. CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados - O Rio de Janeiro e a República que não foi.** p. 16
15. idem. ibidem. p. 18
16. idem. ibidem. p. 09
17. idem. ibidem. p. 29
18. RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinada.** p. 26
19. CARVALHO, José Murilo de. op. cit. p. 23
20. FONTES, Antonio Augusto Nóbrega. **Capoeira A Luta Brasileira.** p. 03
21. MORAES FILHO, Melo. op. cit. p. 259

22. REGO, Waldeloir. op. cit. p. 63

23. SALVADORI, Maria Angela. op. cit. p. 115

24. Ver a participação do capoeira Frata Preta liderando a chamada Revolta da Vacina. (CARVALHO, José Murilo. op. cit. cap. 4)

"Até parece que a terra rodou
Até parece que a terra rodou
Mas foi capoeira que gingou que gingou
Até parece que o vento soprou
Até parece que o vento soprou
Mas foi capoeira que gingou que gingou"

CAPÍTULO II: INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA

A Capoeira durante a Primeira República foi perseguida e reprimida pelas forças policiais da época, como vimos no capítulo anterior, no entanto continuava resistindo e agora se fazia presente não só entre os negros, mas em todos os setores da população brasileira.

"...A etapa da República Velha que vai da posse de Campos Sales, em 1898 até pelo menos à posse de Epitácio Pessoa, em 1919, foi caracterizada politicamente pelo controle quase absoluto do poder por parte das grandes oligarquias dos café: São Paulo e Minas Gerais. Com exceção única do Marechal Hermes da Fonseca (1910 - 1914), estes dois estados conseguiram eleger sempre candidatos dos seus partidos políticos - Partido Republicano Paulista e Partido Republicano Mineiro - para a Presidência da República, e apesar de frequentes movimentos de insurreição na Capital Federal e nos estados, puderam manter com firmeza o poder. O sistema federativo veio, então a constituir o que se chamou de "República do Café com Leite" 1

Como era uma prática que tinha proibição prevista em lei ², a Capoeira continuava sendo praticada em terreiros de Candomblé e nos arredores da cidade. Nesta época, nos contam os antigos mestres, não havia treinamento de Capoeira. Os alunos aprendiam por observação e na própria roda, verdadeira escola de Capoeira.

A não adaptação dos capoeiras a padronização imposta pelos códigos disciplinares da cidade traduzida em atitudes de rebeldia, constituiu-se nas primeiras décadas desse século, numa forma de resistência aos valores veiculados até então. A rebeldia dos capoeiras acaba por ir ao encontro de um movimento de redefi-

nição por que passava o país e que no plano cultural se materializou no Movimento Modernista.

Em 1922 um grupo de artistas plásticos e escritores realizaram no Teatro Municipal de São Paulo a chamada Semana de Arte Moderna.

"Os modernistas buscavam aproximar a cultura e o povo, pela sintonia entre a arte e a realidade brasileira, o que não deixava de ter importantes implicações políticas naquele momento." 3

Um dos nomes mais ilustres do Movimento Modernista que participou da Semana de Arte Moderna, foi Oswald de Andrade, que utilizou também a Capoeira como temática.

"Os capoeira
- Que apanhá sordado?
- Quê?
- Que panhá?
Pernas e cabeças na calçada." 4

Mas não era só no plano cultural que o Brasil passava por um processo de transformação. A crise do mundo capitalista, agravada pela queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, chega ao Brasil e produz inúmeras mudanças em seu cenário sócio-político.

"...Como reflexo e consequência de toda essa situação, temos a derrubada do então governo republicano através da revolução "Nacionalista" de 1930, comandada por Getúlio Vargas, a forma encontrada pela burguesia para safar-se do colapso econômico e manter o controle sobre as forças sociais do país." 5

Esta "revolução" também conhecida como movimento "tenentista", além de ser reflexo da crise mundial era também fruto das divergências político ideológicas das forças que implantaram o regime republicano em 1889 e desde lá mantinham-se no poder.

Em nome do patriotismo o governo instalado começa a convocar a população para a reconstrução do país.

"Faz-se mister congregar todas as classes em uma colaboração ativa e inteligente. Ao direito cumpre dar expressão e forma a essa aliança capaz de evitar a derrocada final. Tão alevantado propósito será atingido quando encontrarmos, reunidos numa mesma assembléia, plutocratas e proletários, patrões e sindicalistas, todos representantes das corporações de classe, integrados assim, no organismo político do Estado."6

É possível observar neste período da história, que o governo Vargas tinha como ideologia fundante o trabalhismo, o que vai imediatamente se confrontar com a idéia da malandragem tão propagada pelos capoeiras.

Para conquistar a simpatia e confiança da população, em 1932, o então presidente Getúlio Vargas, libera inúmeras manifestações populares e dentre elas a Capoeira. 7 Esta atitude trás inúmeras implicações para a Capoeira, pois sua liberação foi acompanhada de uma série de "recomendações".

"(...) esta poderia ser praticada livremente, porém desvinculada de qualquer ato considerado marginal, subversivo ou agitador. Poderia ser apresentada como folguedo nos festejos populares e como espetáculo folclórico em recintos estipulados. Como luta, deveria ser exercida apenas como defesa pessoal e esporte, praticado em locais fechados e por pessoas consideradas "idôneas" e de "bem", devendo assim transformar-se em esporte nacional."8

Estas "recomendações" fragmentam os vários aspectos da Capoeira, desvinculando-a de sua história e das outras manifestações que possuíam a mesma origem, como por exemplo o Candomblé. Essa atitude do Estado, fazia parte de um conjunto de medidas que tinha a clara intenção de adequar as manifestações populares ao

"novo espírito" que começava a se impor no Brasil nos anos 30.

Retirar das manifestações populares seu caráter místico e regional e universalizar sua prática, constitui o que se costuma chamar nas Ciências Sociais de processo de secularização, característica básica para a domesticação destas manifestações.

Dentro de todas as transformações ocorridas na Capoeira na década de 30, a que considero importante ressaltar aqui é a sua institucionalização. O marco desse processo se dá justamente em 1937, quando mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), depois de fazer uma série de apresentações em público de sua arte, que intitulava de Capoeira Regional, consegue registrar na Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública a sua Escola de Capoeira, que funcionava à Rua Bananal nº 4, distrito de Santa Anna em Salvador, Bahia. 9

A importância desse fato é a mudança de espaço que a Capoeira sofre, que não é só físico, mas também simbólico. Dos terreiros de Candomblé e arredores da cidade, sua prática agora vai acontecer nas academias, espaços privados, com códigos e significados diferentes daqueles da rua.

Se fizermos um paralelo das academias com as casas no estudo de DA MATTA, sobre a casa e a rua, poderemos entender melhor o que significou para a Capoeira essa mudança de espaço.

"(...) a categoria rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que a casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares. Por outro lado, a rua implica movimento, novidade, ação, ao passo que a casa subentende-se harmonia e calma." 10

As diferenças entre as categorias academia e casa são evidentes, no entanto, considereei conveniente fazer este paralelo para se fazer entender os reais objetivos da institucionalização da Capoeira no Estado Novo. Pois para o poder constituído:

"(...) é na rua e no mato que vivem os malandros, os marginais e os espíritos, essas entidades com quem eu nunca tenho relações contratuais precisas." 11

Como a lógica populista de Getúlio Vargas precisava manter canais aparentes de ligação com a população, a Capoeira de mestre Bimba veio adequar-se a essa situação. Que na opinião de VIEIRA deve-se aos seguintes motivos:

1. Era uma arte tipicamente brasileira.
2. Constitua-se numa prática corporal.
3. Tinha um caráter de esporte de combate." 12

Bimba, capoeira famoso da Bahia, achava que a Capoeira tradicional (Angola), possuía um número reduzido de golpes e deixava muito a desejar em termos de luta, devido ao seu caráter lúdico. Acreditava que a eficiência que libertou os negros do cativoiro havia se desvirtuado por causa das festas populares. 13

Por isso baseado no Batuque, na Capoeira Angola e em lutas marciais estrangeiras que teve oportunidade de conhecer através de viagens que fez pelo Brasil exibindo a Capoeira, criou o seu estilo que chamou de "Capoeira Regional, uma luta baiana." 14

A Capoeira Regional vai introduzir na sua prática pedagógica parâmetros da sociedade branca. Cria para tal, o exame de admissão (de caráter biotipológico), o sistema de graduação, o batismo, a formatura e os cursos de especialização para alunos formados, de caráter essencialmente militar. 15 Além disso retira

o atabaque da orquestra de instrumentos que acompanha as rodas de Capoeira, com a intenção nítida de desvincular esta manifestação do Candomblé.

"...Bimba introduz novos golpes ligados, cria um método de ensino baseado em oito sequências de balões na qual o capoeira aprende a cair sempre de pé - sacrifica a malícia e os ritmos lentos em favor de uma agressividade maior e de espírito de luta." 16

Isso não quer dizer que a Capoeira Regional também não possuía seus toques lentos, porém os vários aspectos da Capoeira que na Angola transpareciam como um todo, tem agora na Regional toque para cada um deles. E tendo a Regional a maioria dos toques rápidos, induzia os capoeiras a fazer um jogo mais veloz, onde a perfeição técnica dos gestos (eficiência) é a condição básica para um bom espetáculo.

Para ingressar nas academias de mestre Bimba era necessária a comprovação da condição de estudante ou trabalhador. 17 Por isso as academias eram frequentadas pelas classes mais abastadas de Salvador, que certamente eram influenciadas pela política cultural da época, de caráter nacionalista que oficializou a prática da Capoeira, intitulando-a de "A Arte Marcial Brasileira".

A Capoeira Angola também passa a ser praticada em academias, com a abertura em 1941, do Centro Esportivo de Capoeira Angola do Mestre Pastinha. 18 No entanto esse centro continuava mantendo um constante vínculo com a rua e as festas populares, coisas que mestre Bimba ignorava e proibia aos seus alunos.

Apesar das constantes brigas entre capoeiras adeptos dos estilos Angola e Regional, ambos conseguiram sobreviver, cer-

tamente em função dos interesses diferentes que atendiam a setores bem diferentes da população brasileira.

Esta afirmação encontra eco nas palavras de AREIAS quando este fala dos locais de festas da burguesia e do povo:

"...A burguesia sempre teve os locais apropriados para suas festas; ao povo restavam apenas as ruas, as praças e os terreiros. Era tomando conta das ruas, empunhando o estandarte da emoção, venerando seja qual santo fosse, que o povo saía e fazia não só um ou dois dias de festa, mas três, quatro, uma semana. Eram as festas populares onde a necessidade de expressão do povo se fazia impor através de suas manifestações, hábitos e costumes. Era dentro desse contexto, junto a uma série de manifestações populares, que aparecia a força e a beleza da Capoeira de Angola, dando seu grito de guerra, a qual teve em mestre Pastinha a sua expressão máxima, o poeta da capoeiragem, o mestre dos mestres da capoeiragem de Angola, aquele que sentia e enxergava na Capoeira muito mais que uma luta, ele a sentia antes de tudo como uma seita, uma maneira de ser e existir..." 19

É importante ressaltar neste momento que não se faz presente a intenção de fazer a apologia de um ou de outro estilo de Capoeira. Até porque no seio de cada um destes estilos havia movimentos diferentes na concepção desta prática. No entanto, para discutir o processo de esportivização, que será tratado no próximo capítulo, foi necessário enfatizar os elementos hegemônicos presentes nestes dois estilos de Capoeira.

NOTAS DO CAPÍTULO II

1. TEIXEIRA, Francisco M. P. & DANTAS, José. **Estudos de História do Brasil**. p. 126.
2. Abordado no capítulo I
3. TEIXEIRA, Francisco M. P. & DANTAS, José. *op. cit.* p. 134.
4. (Poema recitado por um capoeira numa batizado em Recife, dez 1991).
5. AREIAS, Almir das. **O Que é Capoeira**. p. 62
6. TEIXEIRA, Francisco M. P. & DANTAS, José. *op. cit.* p. 155.
7. AREIAS, Almir das. *op. cit.* p. 63.
8. *idem. ibidem.* p. 63 e 64
9. ALMEIDA, Raimundo C. A. de. **Bimba Perfil de Mestre**. p. 17.
10. DA MATTA, Roberto. **Carnavais Malandros e Heróis**. p. 70
11. *idem. ibidem.* p. 72

12. Dados retirados da palestra conferida por Luís Renato VIEIRA intitulada "Da Vadiagem a Capoeira Regional", no Congresso Nacional de Capoeira e Cultura Brasileira - Maringá - novembro/dezembro de 1991.
13. ALMEIDA, Raimundo C. A. de. op. cit. p. 14.
14. idem. ibidem. p. .
15. AREIAS, Almir das. op. cit. p. 67.
16. CAPOEIRA, Nestor. **O Pequeno Manual do Jogador de Capoeira.** p. 15.
17. AREIAS, Almir das. op. cit. p. 67
18. Dados retirados da palestra conferida por Luís Renato VIEIRA intitulada "Da Vadiagem a Capoeira Regional", no Congresso Nacional de Capoeira e Cultura Brasileira - Maringá - novembro/dezembro de 1991.
19. AREIAS, Almir das. op. cit. p. 64 e 65.

"... Capoeira é defesa ataque

Binga de corpo

malandragem..."

CAPÍTULO III: A ESPORTIVIZAÇÃO DA CAPOEIRA EM QUESTÃO

A partir do marco da institucionalização da Capoeira descrito no capítulo anterior a este, é possível observar uma constante e progressiva apropriação desta manifestação por parte dos setores dominantes da população. No dizer de FRIGÉRIDO, inicia-se:

"(...) o que poderíamos denominar de processo de legitimação social da Capoeira, já que ela não é mais considerada prática de marginais, mas começa a ser valorizada como luta e também como uma tradição cultural baiana."¹

Mesmo sendo ainda praticada nas ruas, "universo sem culpa"², a Capoeira passa a ser vivenciada cada vez, com mais frequência, em recintos fechados principalmente academias, tornando-se inclusive, meio de vida para os mestres que a ensinavam. Estes mestres tinham a Capoeira Regional como modelo, no entanto suas práticas pedagógicas não possuíam uma uniformidade.

No período pós segunda guerra (a partir de 1945), cresce a popularidade do esporte como "elemento hegemônico da cultura de movimento"³ na Europa.

"...No Brasil as condições para o desenvolvimento do desporto, qual seja o desenvolvimento industrial com a consequente urbanização da população e dos meios de comunicação de massa, estavam agora mais do que antes presentes."⁴

Neste quadro se configura no Brasil, o cenário favorável para o desenvolvimento e a expansão das práticas esportivas, principalmente em sua vertente de esporte de alto nível. No meio capoeirístico

"Começa então a ganhar popularidade a idéia de que, devidamente regulamentada a Capoeira poderia ganhar um lugar junto as artes marciais, já aceitas pela sociedade brasileira. Passaria assim a ser a arte marcial brasileira, uma luta esportiva com competições regulamentadas."⁵

Na década de 60 muitos alunos de mestre Bimba (criador da Capoeira Regional), "atraídos pelas possibilidades econômicas do sul, começam a emigrar para o Rio de Janeiro e São Paulo." 6

O Brasil dos anos 60 caracterizou-se por uma forte influência dos movimentos sociais organizados, na discussão das questões nacionais. Destes movimentos/um que se destacou na discussão da cultura popular foi o CPC da UNE (Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes). Esta entidade buscava "a elaboração imperiosa de uma cultura popular em confronto com as expressões artísticas até então vigentes." 7

Apesar de não ter discutido especificamente a Capoeira e possuir uma visão iluminista da cultura popular, que a considera como resíduo da tradição, folclore, superstição e ignorância e por isso deve ser corrigida pela educação do povo 8, esse movimento colocava em questão os rumos dados as manifestações de origem popular, em confronto com os códigos e significados de uma cultura dita erudita. Porém esse e tantos outros movimentos como o MCP (Movimento de Cultura Popular) do Recife, foram abafados com o golpe militar de 1964. 9

Com essa mudança radical no cenário nacional, era imprescindível ao novo regime de governo, substituir e divulgar uma nova concepção de cultura que pudesse atuar como analgésico dos movimentos sociais. O esporte então aparece como a prática mais adequada para alcançar tais objetivos, pois "(...)ia no sentido da proposta de Brasil Grande capaz de mostrar punjança através da conquista internacional (...)" 10 de títulos, medalhas, entre outros.

Mas para entender melhor porque o esporte serviu tão bem a ditadura militar de 1964 é necessário abrir um espaço aqui e voltar um pouco no tempo até a gênese do esporte moderno.

Foi no cenário da Inglaterra do século XVIII, que se desenvolveu o esporte moderno.

Antes do processo de industrialização, conhecido como a Revolução Industrial e que ocorreu primeiro na Inglaterra, o trabalho era um aspecto da vida humana intrinsecamente ligado aos demais aspectos da vida cotidiana, como a religiosidade e o divertimento. Essa ligação era tão estreita que para comemorar a colheita, o plantio de determinados grãos, a chegada das estações do ano, realizavam-se festas, onde se praticavam os jogos populares e exercícios estamentais (tiro, equitação, esgrima, etc.).¹¹

Com o processo de industrialização houve uma ruptura na forma de vida da população, que passa a dividir seu tempo de vida em tempo de trabalho e tempo de não trabalho. No entanto toda a população não estava em posição igual neste cenário, pois havia aqueles que detinham as máquinas e as terras (meios de produção) e aqueles que para sobreviver, vendiam sua força de trabalho.

É aqui que o esporte vai aparecer como prática ideal para o tempo de não trabalho das elites, detentoras (donas) dos meios de produção.

Baseado nos jogos populares e exercícios de equitação, criam-se os esportes modernos que tinham "(...) uma forte orientação para o rendimento e para a competição e através de uma crescente racionalização (...) "¹² serviram de pilar para a ordem capitalista que se implantava na Inglaterra e precisava de homens dirigentes "fortes" e "vi-

ris".

"...A existência do ócio, essencialmente para uma classe, manifesta o poder e a liberdade relativas de uma sociedade em relação com a natureza. O desporto pode aparecer como o livre exercício deste poder. Mas o nível de desenvolvimento que permite tal ócio está ligado com a exploração da classe operária já que o tempo livre dos trabalhadores não é mais do que o tempo estritamente necessário para refazer a força de trabalho." 13

Com o intuito de garantir que o esporte se tornasse prática de lazer apenas das elites, cria-se o conceito de amador. Este conceito estava descrito da seguinte forma: "é amador aquele que não é nem operário, nem artífice, nem assalariado" 14. Assim os trabalhadores, para praticarem esporte, deviam profissionalizar-se.

Podemos concluir que o esporte com suas características (rendimento, secularização, racionalização, pedagogização, etc.), tornou-se funcional para a ordem capitalista.

Observando este breve relato fica mais claro entender porque a ditadura militar pós 64, no Brasil, apoiou-se no esporte para veicular suas idéias.

Sendo bastante propagado como o "bem" para todos os "males" através dos meios de comunicação de massa o esporte vai, progressivamente, impregnar os outros elementos da cultura corporal de movimento com seus códigos e significados.

É no final da década de 60 que a Capoeira, de fato, absorve os códigos e significados do esporte e quando acontecem os primeiros campeonatos e tentativas de sua regulamentação. 15 Especificamente nos anos de 1968 e 1969 aconteceram os primeiros simpósios brasileiros de Capoeira no Rio de Janeiro, com o intuito de estabelecer uma uniformidade para esta prática. 16

"(...)criar uma nomenclatura para os golpes, um único sistema de graduação de Mestres, tudo com a intenção de fundar federações de Capoeira (...) e transformá-la no esporte nacional." 17

Em 1972, o CND (Conselho Nacional de Desportos), regulamentou oficialmente a Capoeira como esporte, vinculando-a a Confederação Brasileira de Pugilismo.

Depois de 1972 é possível observar que mesmo não sendo hegemônica a Capoeira Esporte, ela vai disseminando as idéias veiculadas nesse âmbito e assim esportivizando a sua prática.

Objetividade e eficiência no jogo, uniforme, sistema de graduação baseado nas cores da bandeira brasileira, separação por sexo, idade, peso, delimitação de tempo e espaço para o jogo e a cientificização do treinamento são agora os novos "tons" da "conversa" nas rodas de Capoeira. Estas constatações ficam evidenciadas nos regulamentos dos campeonatos de Capoeira dos Jogos Escolares Brasileiro (JEBS), que até 1986 avaliavam o "atleta" pelo seu desempenho na roda, observando uma série de critérios relacionados a técnica, a defesa, a eficiência, o toque (colocação perfeita dos golpes livres permitidos), fugas e faltas. 18

Em 1987 houve uma modificação na regulamentação da Capoeira Esporte, no "ritmo" da Nova República. Agora os "atletas" de Capoeira seriam avaliados não só pelo seu desempenho na roda, mas pelo Concurso de Ladinhas, Demonstração por Equipe (com características de show folclórico), seminário (com temas que se relacionassem com os sugeridos no regulamento) e pela participação nas Conferências (momento "concedido" para discussão e debate referente a Capoeira). 19

Diante dessas exigências impostas ao cenário da Capoeira, inicia-se o processo de criação de métodos de treinamento com suas

fórmulas para melhorar a performance dos "atletas".

Regulamentação..., reformas..., métodos..., fórmulas...

"Fórmula, mundo de fórmulas
tudo já está
Para tudo pronto fórmula,
mágica veloz folgada
Método, mundo métodos
tudo já está
Para tudo planejado,
método, receita rápida sem dor
Oh que método, mais um método,
Oh que método, cara método.
Mais um método, o que método cara
puta método
Que método, que método pra pensar
Que método, que método,
que método pra sentir
Pra que exigir de você
A mensagem já está escrita,
e viva a mediocridade.
E todos aplicaram
Método...me...me...for...for...
Fórmula..." 20

Apesar das tentativas de ampliar a compreensão da Capoeira Esporte expressa nas reformas de 1987, o "binômio" vitória-derrota continua prevalecendo, pois este se constitui como característica básica do esporte, o que vem de encontro ao "espírito" que permeava a Capoeira em sua gênese, onde não existia vencedores e nem vencidos.

Por isso, sem cair numa visão saudosista e apocalíptica da Capoeira, considero relevante denunciar estas imposições que o esporte vem trazendo a esta manifestação cultural. Seus códigos, sentidos e significados vem, aos poucos, domesticando a prática da Capoeira, tornando-a assim, funcional para o sistema capitalista vigente.

Mesmo considerando um equívoco falar de uma Capoeira única e uniforme no Brasil, percebo que o pensamento hegemônico do esporte está presente hoje nas várias formas de expressão da Capoeira, seja nas competições, nos shows folclóricos e nas suas práticas pedagógicas enquanto conteúdo de lazer, aulas de Educação Física, terapia, entre ou-

tras.

Portanto a tentativa de sistematizar idéias a respeito da gênese da Capoeira e sua historicidade, vem no sentido de fazer uma "chamada" aos capoeiras, para que observando os diversos momentos desta manifestação, resistam as transformações que contradizem o "espírito" que a originou que é a idéia de mandinga. Idéia esta que se traduz na utilização de um "jeito de corpo" que resiste e se transforma ao longo dos tempos sem perder a essência que faz dessa manifestação de uma classe, uma expressão lúdica: imprecisa, subjetiva, surpreendente e principalmente não funcional para o sistema produtivo colocado pela ordem social capitalista.

Só assim, acredito que apesar dos "...zum, zum, zuns..." a mandinga continua" 21

NOTAS DO CAPÍTULO III

1. FRIGÉRIO, Alejandro. *Capoeira: de arte negra a esporte branco*. p. 90
2. CANDIDO, Antonio. *Dialética da Malandragem*. p. 88
3. BRACHT, Valter. *Educação Física: A Busca da Autonomia Pedagógica*. p. 14
4. idem. *ibide*. p. 14
5. FRIGÉRIO, Alejandro. *op. cit.* p. 90
6. idem. *ibidem*. p. 90
7. BERLINCK, Manuel T. *O Centro Popular de Cultura da UNE*. p. 69
8. CHAUÍ, Marilena. *Cultuar ou Cultivar*. p. 51
9. Ver a respeito VIEIRA, Evaldo Amaro. *Estado e Miséria Social no Brasil (1951-1978: de Getúlio a Geisel)*, (Cortez Editora, 3ª ed., 1987) e *A República Brasileira: 1964-1984* (Editora Moderna, 10ª ed., 1991).
10. GHIRALDELLI JR., Paulo. *Educação Física Progressista*. p.

11. GRIESWELLE, Detlef. **Sportsoziologie**. Versão portuguesa de BRACH, Valter p. 6
12. idem. ibidem. p. 05
13. ROUYER, Jacques. **Pesquisas Sobre o Significado Humano do Desporto e dos Tempos Livres e Problemas da História da Educação Física**. p. 175
14. idem. ibidem. p. 174
15. FRIGÉRIO, Alejandro. op. cit. p. 90
16. idem. ibidem. p. 90
17. CAPDEIRA, Nestor. **Galo Já Cantou**. p. 37
18. Regulamento técnico de Capoeira dos Jogos Escolares Brasileiros de 1985, cap. XIV - Ajudicação de Pontos nas Competições Individuais p. 11
19. Regulamento de Capoeira dos Jogos Escolares Brasileiros de 1987, cap. II - Da Execução p. 01
20. Expressão usada pelo Grupo de Capoeira Chapéu de Couro do Recife, para intitular uma Semana de Eventos de Capoeira em dezembro de 1991.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, onde me propuz refletir e colocar em discussão a esportivização da Capoeira como agente no processo de domesticação desta manifestação, foi possível perceber diferentes momentos da sua trajetória no Brasil: desde sua gênese, proibição, repressão, tolerância, até o seu processo de domesticação (pontos abordados nos capítulos que compõem este estudo).

Hoje, apesar de considerar necessário um aprofundamento nas questões referentes a temática estudada, acredito que os elementos aqui levantados, constituem-se em dados relevantes para serem refletidos quando tratarmos da esportivização da Capoeira.

Num tempo onde passamos por uma profunda transformação de crenças e valores, é fundamental refletirmos a respeito do destino que queremos dar as coisas, no nosso caso, à Capoeira. É urgente nós, capoeiristas, conhecermos e refletirmos sobre a Capoeira, a fim de que possamos ingressar no "trem da história" como sujeitos desta.

Por isso na tentativa de contribuir com a discussão sobre a esportivização da Capoeira, deixo estas primeiras reflexões sobre o tema para que sejam lidas, refletidas, criticadas e ampliadas. Ou como dissemos na roda "vou jogar meu corpo ao tempo".

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Raimundo César Alves de. **Bimba Perfil de mestre**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.
- AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 3ª ed, Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BERLINCK, Manuel T. **O centro de cultura popular da UNE**. Campinas: Papirus, 1984.
- BRACHT, Valter. **Esporte - Estado - Sociedade**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol.10, nº2, jan/1989.
- **Educação Física: A Busca da autonomia pedagógica**. Revista da Fundação de esporte e turismo. Vol1, nº2, 1989.
- BRANDÃO, Théo. **Quilombo**. Cadernos de folclore nº 28. Rio de Janeiro: Evoluarte Geradora Promocional, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.

CÂNDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem**. (Caracterização das memórias de um sargento de milícias). São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.

CAPDEIRA, Nestor. **O Pequeno manual do jogador de capoeira**. São Paulo: Ground, 1981.

----- . **Galo já cantou: capoeira para iniciados**. Rio de Janeiro: Arte Hoje, 1985.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos palmares**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados - O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHAUÍ, Marilena. **Cultuar ou Cultivar**. São Paulo. Revista Teoria e Debate, nº 08, out/nov/dez de 1989.

FRIGÉRIO, Alejandro. **Capoeira: de arte negra a esporte branco**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol4, nº10, junho de 1989.

FONTES, Antonio A. Nóbrega. **Capoeira a luta brasileira**. Revista Comunidade Esportiva. nº33, fevereiro, 1985.

GHIRALDELLI, JR. Paulo. **Educação Física progressista - a pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira**. Rio de

Janeiro. Rio de Janeiro: Loyola, 1986.

GRIESWELLE, Detlef. **Sportsoziologie**. Stuttgart Kohlhammer. Urban-Taschenbücher, 1978 (tradução portuguesa de Bracht, Valter).

MATTA, Roberto da. **Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1979.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar - A utopia da cidade disciplinar. (Brasil 1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

REGO, Waldeloir. **Capoeira angola ensaio sócio etnográfico**. Salvador: Editora Itapuã, 1968.

ROUYER, Jacques e Talli. **Desporto e desenvolvimento humano**. Lisboa: Seara nova, 1977.

SALVADOR, Maria Angela Borges. **Capoeiras e malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890-1950)**. Tese de mestrado defendida no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 1990.

TEIXEIRA, Francisco M.P. & Dantas, José. *Estudos de História do Brasil*. Vol II, (Império e República), São Paulo: Moderna Ltda, 1979.